

SIMPÓSIO AT073

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS AUTORAIS DE ACEITAÇÃO

DOMINGUES, Mariana Vieira

UERJ-FFP¹

marianavdomingues@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta projeto desenvolvido com alunos do nono ano de rede pública municipal, que envolveu práticas de leitura, debate e escrita, sobre os padrões de beleza na sociedade, objetivando promover a autoria (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006) nas atividades discursivas discentes. Espera-se do aluno produção de sentidos e posicionamento como autor, mas, muitas vezes, essa oportunidade não é propiciada. A escolha do tema para as oficinas se deu, pois nessa fase adolescentes ficam suscetíveis a seguir diversos padrões e é importante que reflitam criticamente sobre isso. Por isso, é necessário que se trabalhe para que a escola seja um espaço semeador de vozes, onde o aluno possa desenvolver sua autoria debatendo temas, a partir dos textos da mídia. A escola apresenta-se como lugar propício para essas discussões e para construção desses discursos de aceitação de si mesmos e inclusão social. A pesquisa tomou por base a Análise do Discurso francesa, desenvolvida também no Brasil (ORLANDI, 2003, 2008; LAGAZZY-RODRIGUES, 2006, 2015; INDURSKY 2006). Durante a pesquisa percebeu-se um envolvimento dos alunos com o tema abordado de forma que puderam colocar suas opiniões e suas experiências de vida, argumentando para defendê-las e, assim, tornando seus textos mais autorais. Além disso, houve uma ressignificação da prática pedagógica do docente pesquisador, favorecendo o processo de aprendizagem e o aperfeiçoamento da autoria no espaço da sala de aula.

Palavras-chave: DISCURSO, ENSINO, AUTORIA.

RESUMEN: Este trabajo presenta un proyecto desarrollado con alumnos del noveno año de red pública municipal, que involucró prácticas de lectura, debate y escritura, sobre los padrones de belleza en la sociedad, con el objetivo de

¹ Mestre em Letras pela UERJ-FFP e professora da rede municipal de Maricá-RJ.

promover la autoría (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006) en las actividades discursivas discentes. Se espera del alumno producción de sentidos y posicionamiento como autor, pero, muchas veces, esa oportunidad no es propiciada. La elección del tema para oficinas se dio, pues en esa fase adolescentes quedan susceptibles a seguir diversos padrones y es importante que reflexionen críticamente sobre eso. Por eso, es necesario que se trabaje para que la escuela sea un espacio sembrador de voces, donde el alumno pueda desarrollar su autoría debatiendo temas, a partir de los textos de los medios de comunicación. La escuela se presenta como lugar propicio para esas discusiones y para la construcción de esos discursos de aceptación de sí mismos e inclusión social. La investigación se basó en el análisis del discurso francés, desarrollado en Brasil (ORLANDI, 2003, 2008; LAGAZZY-RODRIGUES, 2006, 2015, INDURSKY, 2006). Durante la investigación se percibió una participación de los alumnos con el tema abordado de forma que pudieron poner sus opiniones y sus experiencias de vida, argumentando para defenderlas y, así, haciendo sus textos más autorales. Además, hubo una resignificación de la práctica pedagógica del docente investigador, favoreciendo el proceso de aprendizaje y el perfeccionamiento de la autoría en el espacio de la clase.

Palabras-llave: DISCURSO, ENSEÑANZA, AUTORÍA.

Introdução

Esse trabalho surgiu de reflexões acerca de pesquisa² realizada para o Profletras e apresenta um projeto desenvolvido com alunos do ensino fundamental de uma rede pública municipal, que envolveu práticas de debate, escrita e produção de textos a partir da leitura de textos da mídia sobre os padrões de beleza na sociedade. O objetivo geral foi de promover espaço para o desenvolvimento da autoria (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006) na prática da escrita de textos argumentativos por esses alunos e, simultaneamente, refletir sobre minha prática de ensino de produção textual. O projeto desenvolveu-se na Escola Municipal Antonio Lopes da Fontoura, da rede pública municipal de

² Domingues (2018). A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Maricá (RJ), na turma de nono ano e foi aplicado no período de maio a outubro de 2017 com 24 alunos entre 14 e 17 anos.

A intervenção ocorreu por meio de oficinas de leitura de variados gêneros discursivos e produção de textos argumentativos. As atividades possibilitaram práticas de leitura e de escrita mais reflexiva por parte dos alunos, que adotaram uma postura crítica no debate sobre os textos lidos e desenvolveram com mais autoria suas produções textuais.

O problema que incitou essa pesquisa foi a falta de autoria mais desenvolvida nos textos escritos pelos alunos e, além disso, surgiu uma questão para prática docente: como propiciar uma presença maior de autoria nos textos discentes incentivando um pensamento mais crítico e argumentativo? Como proposta busquei investigar de que forma se apresenta a autoria dos alunos na produção de textos argumentativos, desenvolvendo oficinas durante o projeto de intervenção cujo tema foi o dos padrões de beleza. A pesquisa tomou por base a Análise do Discurso francesa (AD), originada por Pêcheux e seus colaboradores e desenvolvida também por autores brasileiros (ORLANDI, 2003), mobilizando principalmente o conceito de autoria (INDURSKY 2006; LAGAZZI-RODRIGUES 2006, 2015; ORLANDI, 2008).

1. Fundamentação teórica e metodologia de análise

No ambiente escolar, autoria é um assunto que instiga tanto os alunos quanto os professores. Costuma-se dizer que os alunos, em suas produções textuais, são reprodutores do senso comum e que não são autores do seu próprio dizer, produzindo apenas uma repetição de informações já lidas e ouvidas. Segundo Lagazzi-Rodrigues (2006, p.83), quando se pensa na autoria dos textos, esta se relaciona à figura do autor como escritor de obra artística, literária e científica. Isso coloca os alunos distante dessa realidade fazendo alguns sonharem em alcançar esse estatuto de autor e outros acreditarem que

nunca poderão sê-lo. O conceito de autoria, que foi o cerne do trabalho desenvolvido, seria a escolha de uma interpretação, seria assumir uma posição e sentido, sabendo que existem outros possíveis. O texto é um espaço de autoria, no qual escolhemos o que dizer, o que não dizer e toda essa produção de sentidos nos coloca na posição de autor (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p.93).

Como metodologia foi criado um dispositivo de análise baseado na AD, observando três critérios que comprovem autoria nos textos dos alunos. O primeiro critério consiste num posicionamento acerca do tema em debate, sem negar que existem outras posições contrárias. De acordo com Lagazzi-Rodrigues (2006) a autoria está ligada ao trabalho com a equivocidade da linguagem concebendo assim o texto como espaço de autoria. As palavras são passíveis de sentidos contraditórios e escolher dentre todos eles um sentido único para o seu texto constitui um traço de autoria. O segundo é o modo como o sujeito-autor reúne e organiza os diferentes recortes de informação de diferentes textos, transformando exterioridade em interioridade (INDURSKY, 2006). Por último, o terceiro é colocar-se na origem do dizer, produzindo um texto com começo, meio e fim, que tenha clareza e unidade, coesão e coerência, dando efeito de unidade no texto (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 93).

2. Escola e padrões de beleza

Partindo do tema das oficinas que foi o dos padrões de beleza, percebi durante as atividades que os alunos, apresentavam uma baixa autoestima consigo e com seus textos e isso também dificultava o desenvolvimento da sua escrita e da autoria. Segundo Rodrigues (2017) a escola exerce um papel de espaço simbólico onde os sujeitos devem poder discutir conflitos e contradições e a partir disso produzir sentidos, sem que o discurso homogeneizante das políticas públicas silencie esses sujeitos. No espaço escolar, muitas vezes,

circula um discurso materializado por textos e temas exigidos pelas Secretarias de Educação que, nós professores, precisamos reproduzir frequentemente e fazer com que os alunos também reproduzam, sem necessariamente promover na escola um espaço de discussão. Ao desenvolver as oficinas sobre os padrões de beleza presentes na sociedade pretendi propiciar no ambiente da sala de aula, um espaço de produção de sentidos pelos alunos, sujeitos da pesquisa desenvolvida, para que pudessem ver a escola como lugar onde podem ser autores do seu dizer.

Dentro dessa perspectiva, busquei analisar quais discursos estavam sendo produzidos pelos alunos com relação ao tema trabalhado que foi o dos padrões de beleza, já que eles, em sua maioria, não se consideravam dentro desses padrões; e até que ponto o padrão construído culturalmente os afetava fazendo com que se filiassem a tais e quais discursos favoráveis ou não sobre esses padrões. A esse respeito, Venturini (2011) lembra que:

Com frequência os sujeitos urbanos idealizados são aqueles que se ‘enquadram’ nos padrões de beleza e de sucesso pelos valores constituídos por meio da mídia, que são reforçados na escola, enquanto instituição inserida em formações sociais que reproduzem, mas nem sempre transformam o conhecimento em prática política (VENTURINI, 2011, p. 162).

A partir desse debate, foi aberta aos alunos a possibilidade de questionar os sentidos produzidos pela mídia, construindo e associando-se a outros discursos, reconstruindo o sentido de padrões de beleza.

Orlandi (2008, p.78) nos apresenta um sujeito que possui três funções: a de locutor, que é a sua representação como eu no discurso; a de enunciador, que é a perspectiva que esse eu constrói e a de autor, que é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem. Esta última é aquela em que o sujeito está mais afetado pelo contato com o social, determinado pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico) e mais submetido às regras das instituições. Ainda de acordo com a autora “a escola deve propiciar essa passagem de enunciador/autor” (2008, p.80) para que o estudante possa ter contato com práticas discursivas que o constituem e marcam sua prática como

autor ao escrever. Para a autora essa é a função da escola com o sujeito que escreve, ela se constitui como “lugar de reflexão, é um lugar fundamental para elaboração dessa experiência, a da autoria, na relação com a linguagem” (2008, p.82).

Desde o primeiro dia de oficina com os alunos (foram quatorze no total), foi estabelecida uma relação de diálogo e respeito a todas as opiniões que seriam apresentadas naquele espaço da sala de aula. Quis que os alunos se apropriassem da escola como lugar no qual suas vozes, suas produções e suas opiniões fossem ouvidas e relevantes. Percebi que a escolha do tema os agradou e que eles se consideravam fora dos padrões impostos pela mídia e sociedade. Nesse percurso, pudemos debater, ler e produzir textos e sentidos para ressignificar o tema em questão, nossa escrita, nossa leitura e nossa maneira de ler o mundo. Alguns alunos relataram as dificuldades enfrentadas em serem aceitos “fora dos padrões” pelas próprias famílias, outros relataram preconceitos sofridos quando foram participar de programa de televisão, outros ainda se colocaram como reprodutores, muitas vezes inconscientemente, desse próprio preconceito.

Diante de tudo isso, concordo com Pacífico e Romão (2011, p.14) quando afirmam que a escola precisa ser um espaço semeador na luta de vozes, no qual o aluno confirme, polemize e, até mesmo, contradiga os textos que lhe são apresentados, falando sobre os sentidos a partir de um posicionamento autoral e sócio-histórico-ideológico, percebendo que esses sentidos sempre são construídos a partir de determinadas posições, que não são as mesmas para todos os sujeitos.

Considerações finais

Na pesquisa desenvolvida para o Profletras, tive como principal objetivo propiciar, nas oficinas aplicadas com os estudantes, o aprimoramento de sua

autoria, baseando-me nos pressupostos teóricos da AD. Busquei tirar a autoria de um plano imaginário e quase inatingível para se tornar um conceito produtivo em nossa relação de sujeito com a escrita, algo possível de se praticar, algo que está presente na escola e na escrita dos alunos e de nós professores. Articulando teoria e prática desenvolvi atividades que deram espaço para debates sobre o tema, num ambiente livre de preconceitos e com respeito às possíveis discordâncias e opiniões diversas.

Ao longo de cada etapa percorrida notei que os alunos se envolveram com o debate do tema escolhido, colocando suas experiências de vida e suas opiniões, argumentando para defendê-las e mostrando-se cada vez mais autores de seu dizer. De acordo com a observação dos critérios adotados para análise das produções textuais, verifiquei que a maioria dos alunos foi atingido pela pesquisa e apresentou um progresso em seu processo de escrita, manifestando um posicionamento mais autoral em relação ao tema trabalhado ao longo das oficinas. Além disso, fui surpreendida com uma postura de mais autoria e argumentação dos alunos, não só nas oficinas, mas em sua atitude como alunos dentro da escola, reivindicando seus direitos e melhorias na escola e na sua sala de aula e apropriando-se do espaço escolar organizando a exposição das suas produções.

Referências

DOMINGUES, Mariana Vieira. *Autoria e argumentação*: refletindo e ressignificando a escrita com alunos do nono ano. 2018. 227f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2018.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). *Introdução às ciências da linguagem*: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. A autoria no enlace equívoco das posições de sujeito. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.238-250,

jan./jun.2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index> .
Acesso em: 04 fev. 2017.

_____. Texto e Autoria. In: ORLANDI, Eni e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem*. Discurso e Textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccineli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2008.

PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. Letramento, autoria e interpretação: a propósito de uma competição. *Linguagem*, São Paulo, n. 16, p. 1-15, 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao16/art_002.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

RODRIGUES, Andréa. 'Aqui é um lugar de paz': escola e consenso imaginário na cidade do Rio de Janeiro. *Redisco – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, v. 12, p. 71-82, 2017.

VENTURINI, Maria Cleci. Leitura do espaço urbano e ensino. In: INDURSKU, Freda; MITTMAN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.